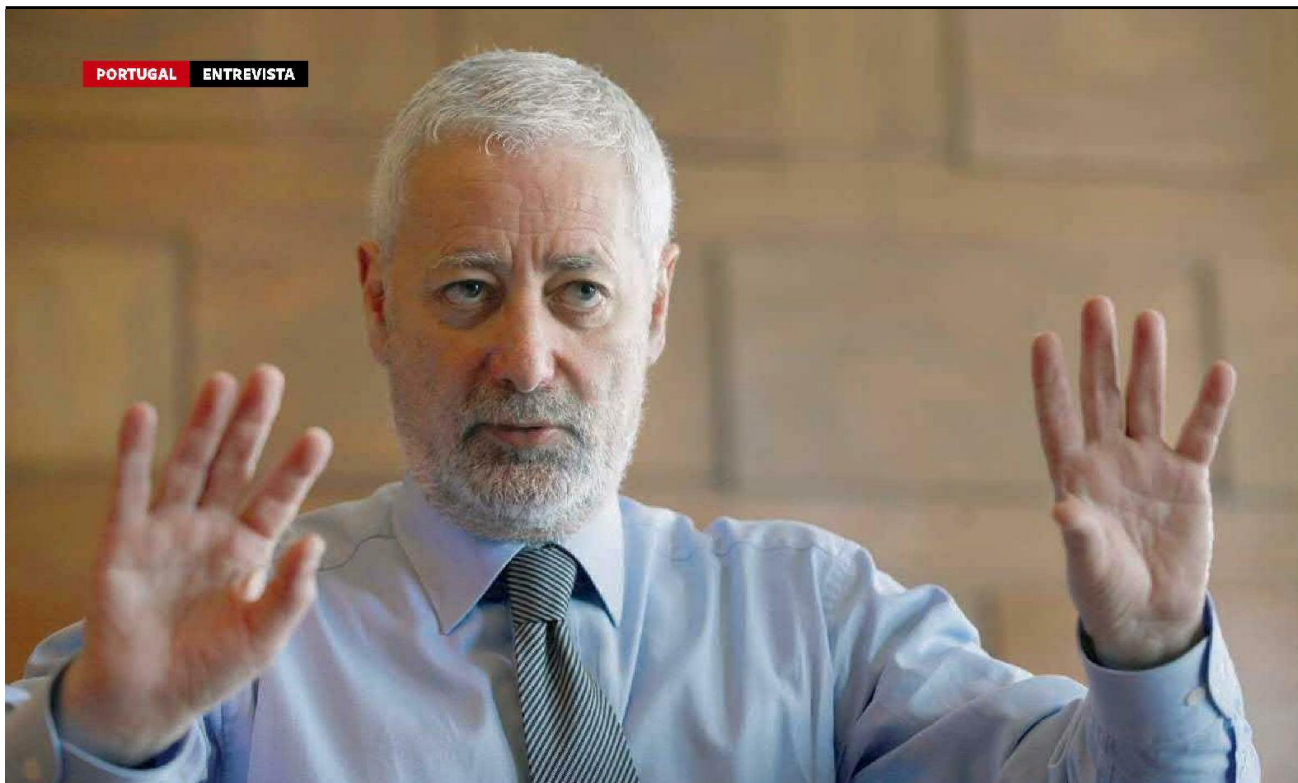


PORTUGAL ENTREVISTA



António Nóvoa

Consultor da UNESCO

'Aqui vive-se, aqui respira-se'

António Nóvoa recebe hoje o título de reitor honorário da Universidade de Lisboa. Mas depois regressa ao Brasil, onde planeia ficar um ano

POR ISABEL NERY

Esteve sete anos à frente da Universidade de Lisboa e tornou-se uma das vozes mais respeitadas, em Portugal. Liderou o processo de fusão entre a Universidade Técnica e a Universidade de Lisboa, mas deixou a reitoria a António Cruz Serra e mudou-se para o Brasil, onde é consultor da UNESCO junto do Governo brasileiro e professor visitante da Universidade de Brasília. Estará em Portugal para receber, hoje, 27, o título de reitor honorário da Universidade de Lisboa, durante a cerimónia de abertura do ano académico, e o Prémio Universidade de Coimbra, no Dia da Universidade, a 1 de março, que consagra a carreira de António Sampaio da Nóvoa na área da Educação.

> Como recebe o título de reitor honorário?
Com gratidão. É o reconhecimento de um percurso intenso, coletivo, que fizemos nas duas universidades que se juntaram. Recebo este título com a honra de pertencer a uma

universidade pública, que valoriza as artes e as humanidades, as ciências e as tecnologias. Uma universidade da língua portuguesa e da cidade de Lisboa, aberta ao mundo.

> Como vai 'usá-lo'?
Ao receber este título, digo «obrigado», na aceção mais profunda do termo. Não apenas como agradecimento, mas, sobretudo, como compromisso, como vínculo. As universidades precisam de um tempo novo na sua história, com uma ligação forte à sociedade, ao desenvolvimento e ao futuro. É esta a causa que quero servir.

'Não são os jovens que precisam de nós, somos nós que precisamos deles. O conhecimento tem de estar ligado à economia e à sociedade'

> Como surgiu a possibilidade do exercício de novas funções no Brasil?

Estou em Brasília, como consultor da UNESCO junto do Governo brasileiro e como professor visitante da Universidade de Brasília. Há muitos anos que vinha recebendo convites do Brasil. Senti que era a hora certa, e não me enganei. No Ministério da Educação, tenho contribuído para repensar os programas de formação de professores – são mais de 2 milhões de professores! Na Universidade de Brasília, contribuirei para uma reflexão sobre o futuro e as mudanças nas universidades.

> Porquê o Brasil?

Nos dias que correm, não consigo imaginar um lugar mais interessante para viver do que a América Latina e, em particular, o Brasil. Com todas as dificuldades, aqui vive-se, aqui respira-se.

> Tem correspondido às expectativas?

Tem sido um tempo extraordinário da minha vida. Há um envolvimento das pessoas, um reconhecimento e um sentido para o nosso trabalho. Há ânimo e não desânimo. E, depois, adoro a cidade de Brasília, o seu traçado, os seus edifícios, as suas quadras. E Oscar Nyemeier, claro. Estou em casa.

> O que lhe têm ensinado os brasileiros?

Que mesmo no meio de muitas dificuldades, é possível ter uma energia de mudança e de futuro. Numa conversa recente, alguém

Área: 583cm² / 58%

Tiragem: 110.500

Foto: 4 cores

ID: 4778909

Data: 27.02.2014

Titulo: "Aqui vive-se, aqui respira-se"

Pub:

VISÃO

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 42;43

me falava de uma frase que teria aparecido numa parede, no México: «Basta de realizações. Queremos promessas!» A frase choca e ninguém poderá concordar com o sentido literal. Mas, depois, percebemos que ela explica a necessidade de uma ideia de futuro, de um projeto que nos possa mobilizar. Essa energia está muito presente no Brasil.

> E falta em Portugal?

Falta, e muito. Parecemos encurralados num beco sem saída. O futuro decide-se nos jovens e no conhecimento. Por isso, as universidades têm uma responsabilidade tão grande no futuro de Portugal. Não são os jovens que precisam de nós, somos nós que precisamos deles. O conhecimento tem de estar ligado à economia e à sociedade. Os nossos problemas são muito diferentes dos que enfrentávamos em 1974, mas 40 anos passados, chegou a altura de dar corpo a novos dias de esperança.

> Já tem planos para «depois do Brasil»?

Não. Vou ficar aqui, pelo menos, durante um ano. Depois, logo se vê.

> Nem sempre as relações entre os dois países foram as melhores. O que dizem os brasileiros dos portugueses?

As pessoas com quem me relaciono, na educação e nas universidades, conhecem bem a realidade portuguesa e compreendem a importância das relações no espaço da língua portuguesa. Mas é verdade que há ainda muitos estereótipos e uma visão provinciana, falsamente modernizadora, que tende a virar o país mais para a América ou para a Europa do Norte do que para a sua matriz histórica e cultural. Mas deste mal também nós sofremos em Portugal, e muito.

> O Brasil parece-lhe preparado para os grandes desafios dos próximos anos? Do Mundial de Futebol, aos Jogos Olímpicos, passando pela pacificação social?

Há o receio de uma crise económica, mas o país tem uma força imensa, que está também presente nas manifestações de rua. Durante muito tempo, as elites brasileiras imaginaram e construíram um país para poucos milhões, ignorando a existência de muitos milhões que viviam invisíveis, na miséria. A grande descoberta dos últimos anos é a existência de um imenso país, de 200 milhões de pessoas com direito à saúde, à educação, à habitação, a transportes públicos, à cultura, à participação na vida pública. ▣

